

# ELIO GASPARI

## O resgate histórico de um grande homem: Pery Beviláqua

**S**ão do advogado Evaristo de Moraes Filho uma das melhores idéias deste ano e um dos melhores propósitos para o próximo. Ele quer resgatar a memória histórica do general Pery Beviláqua (1899-1990). Sua vida foi uma aula e seu esquecimento é uma lição dos medos insensatos que a História provoca.

Em 1961, quando Jânio Quadros renunciou, Pery comandava a tropa de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Evitava pronunciar o nome de João Goulart à mesa, mas quando soube que os três ministros militares vetavam-lhe a posse, passou a chamá-los de "oficiais rebelados". Tinha atrás de si a 6ª Divisão de Infantaria. Jango ficou-lhe



O general Pery Beviláqua, em 1965

*Este ignominioso processo deve, quanto antes, ser arquivado, cessando o seu prosseguimento por inépcia da denúncia e por falta de justa causa. Concedo, pois, a ordem imposta.*

Trecho do manuscrito do habeas-corpus concedido pelo general Pery Beviláqua ao professor Cardoso

eternamente grato e nomeou-o comandante do II Exército, com base em São Paulo.

Como seu negócio era a lei, trombou com as alianças esquerdistas do jangismo e pediu a dissolução do Comando Geral dos Trabalhadores, uma central controlada pelo Partido Comunista. Chamou-o de "serpentário de peçonhetos inimigos da democracia". Perdeu a eterna gratidão de Jango e foi comandar uma mesa no EMFA.

Menos de dois anos depois Goulart estava deposto. Muitos generais que não tiveram a coragem de dizer em casa metade do que

Pery dissera em público tomaram conta do país. Não era o seu regime. Passou a criticar a interferência militar na política e a defender a restauração democrática.

Por nacionalista, condenou a política da nova ordem e perdeu a eterna gratidão do poder. Do EMFA foi mandado para uma mesa menor, de ministro do Superior Tribunal Militar. Lá, tornou-se um intratigente defensor dos perseguidos políticos.

Despertou tanto ódio que seus inimigos, por pura malvadeza, botaram-no para fora do Tribunal poucos meses antes de sua aposentadoria por limite de idade. Era o decano das forças armadas brasileiras,

com 54 anos de caserna. Cassaram-lhe as condecorações militares. Logo a ele, que em 1936 fora o primeiro major a receber a Ordem do Mérito Militar.

Chamou a ditadura do Ato Institucional nº 5 de "sementeira de ódio" e se tornou um defensor da anistia ampla, geral e irrestrita, quando essas palavras não eram ditas nem em casa pelas lideranças da oposição. Depois da anistia, Pery foi informado que poderia recuperar as medalhas cassadas. Bastava que as pedisse por escrito. Respondeu que preferia cortar a mão a assinar um requerimento para ter de volta coisas que não solicitara e que lhe haviam sido tomadas sem motivo jus-

presados pela família. Estão hoje na Casa de Benjamin Constant, fundador da República e seu avô. Lá, uma equipe de abnegados pesquisadores resgatou o manuscrito de um habeas-corpus que o general concedeu em 1966. Fora requerido por Evaristo de Moraes, em benefício do professor Fernando Henrique Cardoso, acusado de crime cuja pena podia custar de 10 a 30 anos de cadeia. (Abaixo estão trechos da acusação e do voto de Pery.)

A Casa de Benjamin Constant guarda também o original do pacto de sangue assinado em 1889 pelo te-

to nem legal. Pery morreu em 1990, com quase 91 anos. Os documentos de sua vida f o r a m

nente Joaquim Inácio Cardoso, comprometendo-se a lutar pela República. (No dia 15 de novembro ele acompanhou o major que entregou a D. Pedro II o ato de banimento da família imperial.) Era o avô do atual monarca. Guarda também as patacas de duas das três condecorações que tomaram ao general Pery.

O habeas corpus dado ao professor Cardoso é um detalhe na grande biografia de Pery. Se o nome do general Beviláqua for recolocado nos livros das três ordens, FH não estará retrabuindo um favor. Estará devolvendo ao Exército a figura histórica de um chefe militar que viveu para ele, para a lei e para o país. Seu esquecimento não é vingança, mas primarismo.

Afinal, quando tiraram Pery do STM, não foi a ditadura quem se livrou de um general que defendia presos políticos. Foi ele quem se livrou dela.

### O subversivo ...

Fala a promotoria, em 1966:

"O denunciado Fernando Henrique Cardoso, (...) encontra-se foragido do país desde 16 de abril de 1964. (...) Valendo-se da cátedra, utilizou-se da mesma como veículo de aliciamento e deformação de mentalidades de grande número de estudantes que, amanhã, serão professores.

Datam de 1951 suas atividades subversivas (...). Foi membro do Conselho de Redação da Revista Fundamentos, orgão da imprensa vermelha. Foi Tesoureiro do Centro Paulista de Estudos e Defesa do Petróleo, entidade dirigida pelos comunistas".

### ... e o patriota, na voz do juiz

Responde o Ministro General Pery:

"Entre as acusações ao paciente, (...) figura a de ter sido tesoureiro do Centro Paulista de Estudos e Defesa do Petróleo, o que constitui na realidade, um legítimo padrão de honra para qualquer brasileiro. A campanha a que se consagraram em todo o país tais centros (...) tomou o caráter de verdadeiro plebiscito, (...) somente comparável, em sua beleza, à Campanha Abolicionista. (...) A Petrobrás, com todos os seus portentosos exíitos, foi a sua consequência. e o seu magnífico resultado evidencia quão acertados foram os esforços dos patriotas que a ela se consa-

graram.

Este processo contra professores universitários é uma vergonha para os nossos foros de país civilizado; é uma ignomina acusar, sem a mais leve prova, de crime de alta traição um cidadão e, ainda trazer à colação, como parte do libelo acusatório, o 'crime' de ter sido 'tesoureiro do Centro Paulista de Estudos e Defesa do Petróleo, entidade dirigida pelos comunistas'.

Este ignominioso processo deve, quanto antes, ser arquivado, cessando o seu prosseguimento, por inépcia da denúncia e por falta de justa causa. Concedo, pois, a ordem impe-



O paciente Fernando Henrique